

A INTERIORIDADE HUMANA

NA PERSPECTIVA DA ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA

Frei José Carlos Corrêa Pedroso OFMCap

“É por isso que eu dobro os joelhos diante do Pai, de quem recebe o nome toda família, no céu e na terra. Que ele se digne, segundo a riqueza de sua glória, fortalecer a todos vocês no seu Espírito, para que o homem interior de cada um se fortifique. Que ele faça Cristo habitar no coração de vocês pela fé. Enraizados e alicerçados no amor, vocês se tornarão capazes de compreender, com todos os cristãos, qual é a largura e o comprimento, a altura e a profundidade, de conhecer o amor de Cristo, que supera qualquer conhecimento, para que vocês fiquem repletos de toda plenitude de Deus” (Ef 3,14-19).

1. O que é interioridade?

A palavra interioridade tem sido usada com muita frequência. Pediram-me para falar sobre o mundo que ela esconde. Que será que podemos entender por interioridade?

Em primeiro lugar, creio que interioridade é uma realidade que todo mundo sabe que existe, embora quase ninguém consiga dizer coisas muito concretas sobre ela.

1. Em sentido popular:

Quando alguém usa a expressão “lá dentro do meu coração”, “no fundo do meu coração”, está se referindo a algo certamente muito real, experimentado como “interior” à própria pessoa, mas que não dá para transmitir completamente para os outros. Aliás, sabemos que não daria para explicar cabalmente nem para nós mesmos o que é que temos “lá dentro”, “no coração”.

Também quando usamos a expressão “Ninguém me compreende” parece que nos referimos a algo interior, que os outros não conseguem enxergar, mas que nem nós mesmos conseguimos deixar claro. Se não, seria só falar. Muitas vezes, é melhor ficar simplesmente com a conclusão, um tanto enigmática: “Quem vê cara não vê coração”.

Muitas vezes, reconhecemos que os outros é que estão em alguma interioridade, em algo que não dá para perceber por fora: “É um sonhador”, “vive no mundo da lua”, “tem uma fantasia muito fértil”.

Lembrando a imagem de “O Pequeno Príncipe”, de Saint-Exupéry, alguém pode se referir ao seu “planeta”, um mundo todo seu, que só ele conhece bem. Mas também pode simplesmente comunicar que não sabe o que tem lá dentro: “sinto um vazio na minha alma”.

Talvez pudéssemos resumir: Interioridade é tudo que sentimos como muito real e concreto em nossa vida mas que não conseguimos tomar visível com nitidez, nem para os outros, nem para nós mesmos. Então, está “lá dentro”. Mas o interessante é que tudo isso que está lá dentro parece tão importante, ou até mais importante do que tudo que vemos “aqui fora”.

A Interioridade é o mistério de nós mesmos, de cada um de nós mesmos. Um mistério que está tão perto como uma floresta virgem que começasse no fundo de nosso quintal, mas que nós ainda não exploramos.

Tanto a psicologia quanto a espiritualidade dedicam-se ao mundo interior. Nós vamos tentar considerá-la na perspectiva da espiritualidade franciscana.

2. Interioridade e Mente

Já em sua primeira oração – a que rezou diante do Crucifixo de São Damião – São Francisco nos deixou uma interessante abertura para o mundo interior. Pediu a Deus: “Iluminaí as trevas do meu coração!”. Com a nossa mentalidade de hoje, provavelmente pediríamos para iluminar as trevas da mente, não do coração. Mas poderíamos dizer que, nessa oração e em toda sua vida, São Francisco pediu a luz de Deus para sua interioridade.

A Interioridade não é a Mente: na mente temos a capacidade de pensar, de lembrar, de reconhecer. A Interioridade é muito mais do que isso. Na interioridade está a nossa maior riqueza espiritual (mais que na mente): a mente descobre fora; a interioridade descobre dentro.

O que temos na Mente é tudo consciente (ou fácil de ser trazido ao consciente), e pode ser comparado com um “cérebro eletrônico”, como chamavam inicialmente os computadores. Por mais vasta que seja a mente, daria para fazer uma resenha de tudo que ela contém. Poderíamos distribuí-la em arquivos. Talvez seja possível localizar a Mente no cérebro, como já se tentou. A Mente pode ativar a memória, mais ou menos como um computador.

A Interioridade, em vez, avança pelo mundo do Inconsciente. Não sabemos onde é a “sede” do Inconsciente. Se a mente aponta para a existência de uma alma, de um espírito no ser humano, a interioridade parece pressupô-la. Talvez seja por isso que o mundo ocidental moderno tem tanta dificuldade com a Interioridade.

A mente faz sínteses e “conclui”, isto é, fecha. A Interioridade descobre símbolos e lança pontes, isto é, abre, abre cada vez mais para o mistério.

A Mente é capaz de pensar sobre Deus. A Interioridade se encontra com Ele: sente-o, comunica-se com Ele mesmo sem palavras e sem pensamentos.

Precisamos tomar consciência do que se passa na Inconsciente. Talvez seja o único meio de nos comunicarmos com a Interioridade. Todos nos damos conta de que, de dentro de nós, procedem coisas que foram experimentadas fora.

A Mente parece poder ser mais desenvolvida pelos que estudam e refletem. A Interioridade pode ser bem desenvolvida mesmo em pessoas analfabetas. Entrar pelo mundo do mistério não é, exatamente, refletir, pensar. No fundo, entrar pelo mundo do mistério é contemplar.

Desde os tempos mais antigos, a Interioridade foi comparada com o oceano, ou com as águas: é um mundo sem fim, do qual podem sair todas as surpresas.

Quando falamos em espiritualidade, trabalhamos no campo da Interioridade. Se as nossas orações não penetram na Interioridade, ficam no campo da Mente: palavras, cânticos e reflexões. Nesse sentido, muita oração não passa de um condicionamento da mente.

Enquanto a riqueza da mente são suas idéias e a capacidade de relacioná-las e tirar conclusões, a riqueza da Interioridade são os símbolos e sua capacidade de abrir para o mundo do mistério.

Para a mente, os mistérios são um desafio que impõe limites. Para a Interioridade, os mistérios são desafios que ampliam cada vez mais o seu campo, que parece infinito.

Para a Mente, Deus é uma idéia, uma abstração, uma conclusão, talvez. Para a Interioridade, Deus é a porta mais concreta e vivenciada da Infinitude. Uma coisa é dizer que, em Deus, tudo acaba; outra, bem diferente, é dizer que, em Deus, tudo começa.

A Mente proporciona a possibilidade de entrar em contato com outros seres inteligentes. A Interioridade nos põe em comunhão com todos os seres, mesmo com os animais e as pedras. Além disso, entra no mundo do mistério coletivo (inconsciente coletivo) e, mesmo mergulhando na interioridade individual, a pessoa afunda e emerge no mundo da fraternidade universal.

Na espiritualidade oriental, o uso litúrgico dos ícones quer ultrapassar o inconsciente pessoal e entrar no inconsciente coletivo. Os artistas trabalham com o mundo do inconsciente coletivo e, talvez, pseudo-artistas sejam justamente os que nunca ultrapassam as barreiras do inconsciente pessoal. Mas, em geral, o que faz grandes e imortais os artistas, é sua capacidade de se relacionar com a Interioridade coletiva e saber transmitir isso de alguma forma às outras pessoas. Eu diria que os santos são os artistas de Deus.

Talvez possamos falar em interioridade pessoal e interioridade coletiva. No sentido seguinte: eu entro dentro de mim e chego ao mundo do “dentro-de-tudo”. Quando entramos no mundo interior, descobrimos muitas coisas que já foram experimentadas e vividas por nós. Mas também encontramos novidades surpreendentes. E, quando as aprofundamos, percebemos que são “novidades” que já conhecidas por outros, que já foram abordadas e até desenvolvidas por gerações passadas do nosso povo e mesmo de

povos muito diferentes.

Talvez desse para estudar, a partir desse ponto de vista, como a interioridade humana coletiva está progredindo: embora algumas pessoas e alguns grupos sempre estejam em um vai-e-vem, as culturas parece que vão caminhando para um ponto comum, ou, pelo menos, para alguns pontos comuns. É bom notar que isso é uma realidade no mundo exterior, mas também pode ser observado no mundo interior. Pode ser que algumas aproximações e assimilações se dêem a partir do mundo exterior, porque uma cultura passou a conhecer outras; mas parece que também dá para observar que o contrário também acontece – porque as coisas caminham no mundo interior, acabam produzindo aproximações no mundo exterior.

2. A Interioridade na Bíblia e nas Fontes

A Bíblia usa bastante a expressão e o conceito de interioridade. Damos alguns exemplos.

São João (Jo 2,25) diz que Jesus “não precisava de informações a respeito de ninguém, porque conhecia o homem por dentro”. O “por dentro” da tradução da Bíblia pastoral pode não estar em outras traduções, mas é muito fiel ao texto grego (*eghínosken ti em em tō antrôpo*).

Aliás, aos fariseus Jesus disse: “O reino de Deus está dentro de vocês” (Lc 17, 20-21). É bom lembrar que só muito recentemente começaram a aparecer as traduções do tipo “O reino de Deus está no meio de vocês”, embora as duas versões caibam bem no original grego: *Endós hymôn éstin*. A Bíblia de Jerusalém, em nota, quer argumentar que o Reino de Deus não poderia estar dentro dos fariseus, mas eu lembro que Jesus também disse a esses personagens: “Vocês não entram no reino de Deus nem deixam os outros entrar”. Justamente porque eram mascarados, hipócritas e sepulcros caiados. Os publicanos e as prostitutas entravam mais facilmente do que eles.

Jesus também disse: “Onde está o seu tesouro, aí também está o seu coração”. Juntando isso ao tesouro que o homem encontra no campo e ao tesouro de onde o pai de família tira coisas novas e velhas, parece bem claro que Jesus está se referindo à nossa “interioridade”.

Também é muito claro que Jesus fala em parábolas porque se refere a uma realidade invisível e interior, que exige essa linguagem simbólica para poder penetrar no mundo do mistério. Ele estava pedindo uma adesão pessoal, que levaria as pessoas a descobrirem a vida interior: “Quem crê em mim... do seu interior (*ek tês koíllas autou*) correrão rios de água viva” (Jo 7,38).

A Epístola aos Hebreus haveria de mostrar que “A palavra de Deus é viva, eficaz, e mais cortante do que uma espada de dois gumes. Penetra até a divisão da alma e do espírito...” (Hb 4,12).

São Paulo sentiu a força dessa penetração de Deus e disse aos romanos: “No meu íntimo, eu amo a lei de Deus; mas percebo em meus membros outra lei que luta contra a lei de minha razão e que me torna escravo da lei do pecado que está em meus membros” (Ro 7,22-23).

E haveria de ser ainda mais incisivo ao escrever aos gálatas: “Por isso é que lhes digo: vivam segundo Espírito, e assim não farão mais o que os instintos egoístas desejam. Porque os instintos egoístas (*a carne*) têm desejos que estão contra o Espírito, e o Espírito contra os instintos egoístas; os dois estão em conflito, de modo que vocês não fazem o que querem. Mas, se forem conduzidos pelo Espírito, vocês não estarão mais submetidos à Lei. Além disso, as obras dos instintos egoístas são bem conhecidas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, ciúme, ira, rivalidade, divisão, sectarismo, inveja, bebedeira, orgias e outras coisas semelhantes... Os que pertencem a Cristo crucificaram os instintos egoístas junto com suas paixões e desejos. Se vivemos pelo Espírito, caminhemos também sob o impulso do Espírito” (Gl 5,16-25).

O “homem espiritual” e o “homem interior” parecem ser exatamente a mesma coisa: os que se entregaram ao Deus invisível. Cultivar a interioridade é o mesmo que cultivar a espiritualidade. Não se trata de uma fuga para um mundo descomprometido com a realidade exterior, mas de uma iluminação das realidades pela presença de Deus.

São Francisco e Santa Clara

São Francisco sempre se preocupou com a interioridade e, baseando-se na oposição carne-espírito de São Paulo, escreveu na Regra não bulada: “... pois o espírito da carne quer e se esforça muito por ter

palavras, mas pouco pelas obras, e busca não a religião e a santidade no espírito interior, mas quer e deseja ter religião e santidade que apareçam fora para os homens” (RNB 17,11-12)

Ele vivia como um contemplativo, mesmo quando percorria o mundo em pregação, e até escreveu: “... onde quer que estejamos ou por onde andarmos, levamos conosco a nossa cela, que é o irmão corpo: a alma é o eremita, que mora lá dentro para orar e contemplar o Senhor” (LP 80, cfr. EP 65).

Como vimos, desde a sua primeira oração por nós conhecida, a que fez diante do Crucifixo de São Damião, ele já tinha pedido: “Ó glorioso Deus Altíssimo, iluminai as trevas do meu *coração*...”. A expressão *coração* dá uma visão muito mais ampla de toda a interioridade.

Quase no final de sua vida, aconselhou às clarissas: “...não olheis a vida *de fora*, porque a do espírito é melhor... (Audite Poverelle, 3 FC 223).

Mas uma de suas expressões mais características está no final do Testamento: “E eu, Frei Francisco, o menor de vossos servos, vos confirmo quanto posso, interior e exteriormente, esta santíssima bênção” (Testamento, 41).

Para entender essa bênção *intus et foris*, por dentro e por fora, interior e exteriormente, é bom lembrar que ele vivia intensamente a palavra de Deus descoberta na liturgia. Podemos recordar pelo menos dois exemplos litúrgicos que já eram usados no seu tempo: a oração no dia de Nossa Senhora da Candelária e a oração na oitava da Epifania (hoje na festa do Batismo do Senhor).

Na oração da Candelária, o pedido é: “... quae *extrinsecus* annua tribuis devotione venerari, *intrinsecus* assequi gratiae tuae luce concede”, isto é, que a luz de Cristo, que comemoramos externamente nesta festa anual, seja-nos concedida interiormente pela luz da graça.

Na oitava da Epifania, a oração pede: “Como conhecemos o Unigênito em sua carne por fora (*foris*), mereçamos ser reformados por dentro (*intus*)”.

Essa bênção nos parecerá muito natural se nos lembrarmos que, na Paráfrase ao Pai-nosso, Francisco diz que o céu é dentro de nós e se tivermos bem presente a sua proposta na oração que conclui a carta a toda a Ordem: pede que sejamos “interiormente purificados, interiormente iluminados e abrasados”. Saudando as Virtudes, ele disse que homem algum pode possuí-las se não morrer primeiro: interiormente, é claro.

Santa Clara não fica atrás. Lembra que Jesus, como o tesouro descoberto no campo, está “escondido no campo dos corações humanos” (3CtIn 7).

Lembra a Inês de Praga que “Aquele que o universo não pode conter tem sua mansão na alma do fiel” (cf. 3CtIn 22). Ela chega a um ponto alto quando propõe que Inês de Praga olhe todos os dias no espelho que é Jesus Cristo, “para enfeitar-se toda, *interior* e exteriormente”... (4CtIn 15-17).

Mas eu estou citando estas poucas passagens só como introdução. Mais adiante, vamos ver as propostas metodológicas de Francisco e Clara para cultivar o mundo da interioridade.

E a história franciscana mostra que nossa imensa família sempre seguiu os passos de Francisco e Clara e cultivou a interioridade.

3. A linguagem da Inferioridade

Para lidarmos com a interioridade, um requisito fundamental é compreendermos que ela fala outra linguagem. Vamos nos explicar.

Nós estamos habituados, em nossa cultura ocidental pelo menos, a uma linguagem lógica. Buscamos sempre definir bem todos os nossos conceitos. A interioridade não pode nem quer definir: refere-se ao mundo em contínua descoberta do mistério e usa a linguagem simbólica.

Definir é marcar os fins, dizendo onde uma coisa começa e onde acaba. Quanto mais exatos formos em determinar começo e fim, mais científicos seremos. Mas, quando a realidade que tratamos é Deus, é o amor... e outros mundos sem medida, nós não podemos medir nem definir. Só avançaremos se estabelecermos pontes por comparação: é a linguagem simbólica, a mesma que Jesus usou nas parábolas, a mesma que Francisco usou em seus escritos e que nos é até bastante familiar pelo menos. quando nos

relacionamos com as crianças e com os artistas.

Para ouvir Deus e até mesmo para expressar o que sabemos de Deus, não basta nossa linguagem lógica habitual. Essa é a linguagem da ciência e nós chegamos a pensar que seja a linguagem “popular” e “normal”. Mas não é. A linguagem lógica é muito clara, muito definida, muito certa e, por isso, embora tenha seu valor para as coisas exatas com que lidamos, não serve para falar de Deus, nem com Deus, nem a respeito das coisas mais profundas da vida, como o amor e o medo, por exemplo. Para isso, precisamos da linguagem simbólica, que usa comparações - como Jesus nas parábolas - e que nos leva a ultrapassar a toda hora a barreira de um mundo que é real, mas não é o mundo físico nem o da reflexão.

A linguagem lógica vai na linha da cabeça: define, mede, calcula, limita, fecha – uma coisa nunca pode ser e não ser ao mesmo tempo. A linguagem simbólica vai na linha do coração; insinua, abre, lança pontes. Tudo pode ser. A linguagem lógica focaliza, conclui, vence, diz qual é o gênero próximo e a diferença específica: é solar e masculina. A linguagem simbólica é difusa: propõe, entrega-se, une dois pontos quaisquer para comparar: é lunar e feminina. Na linguagem lógica, cada coisa é tirada do leito confuso da vida, isolada, esclarecida, identificada: o operador trabalha como o mecânico, com o motor parado. Na linguagem simbólica, as coisas são deixadas na vida, misturadas, vivas, latejantes, implica das umas com as outras quem a usa trabalha como o cirurgião; com o organismo vivo e funcionando. A linguagem lógica colhe e seca a flor para classificá-la: é a linguagem das ciências e da matemática, das conquistas planetárias. A linguagem simbólica relaciona-se com a flor viva, irmã das abelhas, transformando-se em fruto: é a linguagem do encontro, do envolvimento com a vida, da contemplação. Na linguagem simbólica, o exemplo é um caso definido: “O beija-flor é uma ave”. Na linguagem simbólica, o exemplo é uma simples alusão à vida: “O reino é *como* uma semente”.

Na vida de São Francisco, encontramos este trecho bem característico da necessidade de linguagem simbólica: “... embora não pudesse calar por causa da grandeza do amor que lhe fora inspirado, era com cautela que comunicava alguma coisa, falando em parábolas. Assim como falara ao amigo íntimo de um tesouro escondido, aos outros procurava falar por analogias” (*ICel 7*). Mas ele passou a vida toda mergulhado no mundo dos símbolos:

“Depois do Irmão Fogo, amava de modo particular a água, porque simboliza a santa penitência e as tribulações pelas quais as almas enxovalhadas são purificadas e porque a primeira ablução da alma se faz com a água do batismo.

Quando lavava as mãos procurava um lugar apropriado de modo que a água que caísse não fosse calcada aos pés. Quando andava por sobre pedras, fazia-o com grande reverência e respeito por amor àquele que disse que era pedra. E quando recitava o Salmo: “Sobre o rochedo me ergueste...” fazia-o com grande respeito e devoção, e dizia: “Sobre o rochedo debaixo de meus pés tu me ergueste”.

E recomendava ao irmão que cortava e preparava a lenha para o fogo que jamais abatesse a árvore inteira, mas cortasse de maneira que lhe restasse sempre uma parte intata por amor daquele que quis realizar nossa salvação sobre o lenho da cruz. Costumava dizer ao irmão que tomava conta da horta que não ocupasse todo o terreno com legumes, mas reservasse uma parte para as árvores que, em seu tempo, produzem nossas irmãs as flores, por amor para com aquele que disse: “a flor dos campos e os lírios dos vales”.

Recomendava ainda ao jardineiro que reservasse sempre uma parte do jardim para as ervas odoríferas e plantas que produzem belas flores a fim de que, em seu tempo, elas convidassem ao louvor de Deus os homens que vissem tais ervas e flores. Pois toda criatura diz e proclama: “Deus me criou para tí, ó homem!”. Nós que vivemos com ele vimo-lo rejubilar-se interior e exteriormente à vista de todas as criaturas. Era tal o seu amor por estas maravilhosas criaturas que, ao tocá-las ou vê-las, seu espírito parecia não mais pertencer à terra, mas ao céu” (*EP 118*).

Símbolo é uma palavra grega que fala da união surpreendente de duas coisas que se ajustam como duas metades embora pertençam a mundos diferentes. Os romances gregos do período alexandrino tinham histórias de medalhões partidos e reunidos transformando o sentido de uma vida. Michel Foucauld fez um interessante estudo, a partir do mito de Édipo, sobre as múltiplas “metades” que podemos ir sempre percebendo nas coisas e nos abrem um universo de descobertas. E todos nós sabemos que a grande força da nossa criatividade, da mais elevada poesia à mais corriqueira anedota, está toda na descoberta desses dois lados de uma ponte que abre para um mundo inesperado, surpreendente, maravilhoso, ou alegre. Só podemos entender a aversão de São Francisco pelo dinheiro, sua proibição de andar a cavalo, seu diálogo com as estátuas de neve, o ritual com que fez a acolhida de Clara... se percebermos como ele viveu mergulhado no mundo dos símbolos, contemplando as realidades do espírito.

Esse é o mesmo mundo em que vivem as crianças, os índios e grande parte dos povos não ocidentais.

Neles, o exterior e o interior estão muito próximos e podem confundir-se a qualquer momento.

Só temos que tomar cuidado com o uso recente de uma multidão de “símbolos” que, muitas vezes, não passam de sinais de mensagens muito claras do mesmo mundo exterior em que eles são usados.

Para termos um verdadeiro símbolo, duas coisas me parecem fundamentais. A primeira é que provoque naturalmente um “Ah! Que surpresa!” A segunda é que toque o inconsciente coletivo, atingindo muitas pessoas. Se um símbolo atingir só uma pessoa, terá valor apenas para sua interioridade pessoal.

Mais algumas considerações:

É interessante observarmos a pedagogia de Jesus no trabalho com a Interioridade. Jesus envolve as pessoas no seu tema do Reino com as parábolas: ele sabe usar símbolos que penetram na interioridade do povo. Nas parábolas, ele fala à interioridade para chegar ao intelecto. Talvez seja por isso que diz que alguns não entendem, que não lhes é dado entender.

Como é que nós poderíamos descobrir, identificar e usar os símbolos interiores do povo para trabalhar com eles o Evangelho? Experimentar símbolos a partir de: ser amado, ser compreendido, vencer na vida, sarar, ser livre... Parece que precisaríamos de uma linguagem do tipo das parábolas, que parte do simbolismo que a interioridade entende e enriquece o conhecimento do intelecto, aumentando o campo da consciência.

É preciso envolver a exterioridade na interioridade. Fazer com que tudo que vivemos no exterior tenha uma profunda ligação com o interior, até mesmo descubra que suas verdadeiras explicações estão no interior.

Francisco e Clara faziam isso passando longas temporadas no maior recolhimento, isto é, foram se familiarizando com a sua própria interioridade.

Este campo é vastíssimo. Poderíamos considerar ainda a linguagem do mito, a linguagem da poesia e a linguagem dos sonhos. Como os limites deste trabalho são limitados, também vou me limitar simplesmente a dar uma pista inicial:

A linguagem do mito é a que idealiza e até diviniza as forças de toda a natureza, inclusive da interioridade, como se fossem “pessoas” poderosas agindo onde nós não somos capazes de agir.

A linguagem da poesia tenta expressar coisas que só os “olhos interiores” já viram ou podem ver. É a linguagem de todas as artes. Quem não tem olhos interiores não consegue apreciar as obras de arte, que não falam ao intelecto propriamente dito: não são idéias e raciocínios. Por isso, muitas vezes os artistas são considerados “loucos” ou, pelo menos “estranhos”, “esquisitos”.

A linguagem dos sonhos. Quando a vigília diminui, percebemos que o inconsciente nunca pára de trabalhar: está sempre formando os seus símbolos, porque está sempre cruzando elementos lá de dentro. Nossa dificuldade para entendê-los pode vir pelo menos de duas coisas: a) não estamos acostumados à linguagem simbólica, que eles usam; b) eles não ligam os opostos segundo as leis da causalidade mas segundo as leis (ou não-leis) da coincidência. Além disso há a nossa dificuldade para nos abrir para o mundo interior.

4. Francisco: a proposta dos “olhos do espírito”

Destacando-se como um dos santos que mais cultivaram a interioridade na História da Igreja, São Francisco deixou-nos em sua vida um ensinamento forte, que podemos iluminar através de seus escritos. É a proposta de contemplar com os olhos do espírito.

A expressão está na *Primeira Admoestação*, quando ele fala sobre a Eucaristia. Todo o texto está permeado de abundantes expressões relativas à nossa capacidade de olhar e de enxergar, mas, quase no final, na única vez em todos os seus escritos em que ele usa a palavra contemplar, diz o seguinte: “E como eles (os apóstolos) com a visão de sua carne só viam a carne dele, mas criam que era Deus *contemplando-o com os olhos do espírito*, assim também nós...”

Os estudiosos acreditam que Francisco aprendeu os olhos do espírito com o Cristo de São Damião.

Toda a experiência de Deus em Francisco (e Clara) é expressa através de imagens visuais. Conclusão:

o homem interior enxerga com os olhos o espírito. Olha para as mesmas coisas que todos olham, mas vê aspectos diferentes. Para Francisco, viver a interioridade é aprender a ver o mundo com os olhos de Jesus Cristo.

No concreto, parece que “ver o mundo com os olhos de Jesus Cristo” é um dar-se conta de que o amor de Deus está presente em tudo que existe, é uma progressiva tomada de consciência de, no amor de Deus, *estamos mergulhados, existimos, e somos*.

Evidentemente, quem percebe o amor de Deus nas coisas e nas pessoas tem uma visão muito diferente da que é vivida pela maioria do gênero humano.

E há um aspecto importante: Embora faça muitas comparações entre o espiritual e o carnal, Francisco não estabelece um dualismo alma/corpo. Ele pensa é no espiritual do “Ruah”, o espírito de Deus que foi tomando conta e continua a tomar conta e deve continuar sempre a ir embecendo tudo, até transformar tudo. Alma e corpo são espirituais e atravessados pelo espírito de Deus. A “carne” bíblica é o anti-espírito, ou o espírito do mundo contra Deus, o espírito do egoísmo.

Outra observação importante. É o “espírito da carne” que se apropria das coisas e das pessoas. Por isso, Francisco e Clara não querem ter nada de próprio. Se o momento presente testemunha uma polaridade entre “espírito” e “carne”, essa polaridade deve acabar: o espírito de Deus vai soprar em um só sentido.

Outro ponto: Enxergar com os olhos do espírito é enxergar com os olhos de Jesus Cristo. Quanto mais eu enxergo com os olhos do espírito, mais estou me transformando em Cristo. Quanto mais me transformo em Cristo, mais uso os olhos do espírito. Por isso, também é fundamental na proposta franciscana, como vamos ver adiante, que vivamos um processo consciente e transformação constante em Jesus Cristo.

A criação artística pode ajudar a entender os “olhos do espírito”. Na arte, por exemplo, eu posso dar olhos a uma pedra. Imaginemos que uma pedra, de modo semelhante ao nosso, pudesse enxergar as outras coisas. Ela poderia participar do mundo das plantas e do mundo dos animais e até do mundo dos homens interagindo com eles como eles interagem entre si.

Nesse caso, a pedra com olhos, que é mera criação minha, não interage no mundo exterior, mas só no meu mundo interior. As pedras de todo o mundo continuam a ser o que sempre foram, mas eu nunca mais serei o mesmo depois de ter aprendido a interagir com as pedras... É um olhar com a mente, a alma e o coração: com a interioridade. É um olhar que transforma o contemplador

Qualquer artista é contemplador em certo sentido e por isso deixa aberta a interioridade e descobre “metades” com o mundo criativo do mistério. Mas o santo descobre “metades” com a luz do espírito, diretamente no mundo de Deus.

Quando tiverem tempo, reflitam, com a luz dos “olhos do espírito”, sobre estes dois episódios narrados a respeito de São Francisco: o dia em que fez Frei Masseu girar como um pião para descobrir o caminho que deviam seguir, e o dia em que ensinou um noviço a plantar couves com a raiz para cima. No primeiro caso, ele mostra que sabia viver no mundo da “não-causalidade”. No segundo, ensina que os que seguem o caminho evangélico dos franciscanos vão ter que enxergar muitas coisas no avesso da visão de “todo mundo”.

É contemplativo quem tem o inconsciente aberto para Deus, percebe “metades” de Deus em todas as coisas. Suas observações não podem ser provadas, porque não são “racionais”. Para comunica-las, não pode usar formulações lógicas: tem que usar os símbolos, que atuam sobre o inconsciente coletivo e atingem o inconsciente pessoal dos outros. Para o outro perceber, é preciso que o símbolo seja válido e que ele também tenha o inconsciente aberto.

Creio que estão aí os “olhos do espírito”: perceber metades de Deus em todas as coisas, ou em muitas coisas ver que elas são “metades de Deus”, relacionadas com Deus. A pessoa enxerga com um inconsciente iluminado pela graça. Os que não enxergam, como os que não aceitaram a luz de Cristo (cfr. Evangelho de São João), seriam os trancados para o mundo interior por causa de seus interesses, principalmente possessivos, no mundo exterior.

Um contemplativo como Francisco e Clara, enxerga Deus na Cruz. Isto é, nas duas travessas de tudo que parece se chocar sempre é capaz de ver duas “metades”. Uma “metade” é exterior e a outra sempre é “interior”.

Descobrir essas duas metades é descobrir a criatividade. Criar é fazer algo novo: fazemos algo novo quando juntamos duas coisas e tiramos uma terceira. Pode haver uma criação mental, que é produto da união de duas idéias abstratas. E pode haver uma criação simbólica: produto da descoberta de que duas coisas – uma do exterior e outra do interior – podem constituir duas “metades” de algo novo e renovador. Na criação mental há um jogo de causalidade; na criação simbólica há um jogo de coincidências. A criação mental abre os campos da mente e “inventa”. A criação simbólica abre os campos do mistério e está sempre empreendendo uma busca que não vai cessar, vai passar para o infinito.

5. Clara: a proposta do “espelho”

Santa Clara tem uma experiência espantosamente próxima da de São Francisco, mas é absolutamente original. Em vez dos “olhos do espírito”, ela tem a proposta do “espelho”.

O mundo cristão sempre conheceu a figura paulina do espelho. Mais citada era a passagem da 1ª Carta aos Coríntios: “Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido” (1Cor 13,12). Clara parece basear-se mais no texto da 2ª Carta aos Coríntios: “E nós que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente pela ação do Senhor, que é Espírito” (2Cor 3,18).

Certamente lembrava também a passagem da Carta de São Tiago que diz: “Quem ouve a palavra e não a pratica é como alguém que observa no espelho o rosto que tem desde o nascimento; observa a si mesmo e depois vai embora, esquecendo a própria aparência...” (Tg 1,23). E não podemos duvidar de que conhecesse a maneira medieval de usar a palavra espelho: como uma espécie de paradigma ou modelo de comportamento.

Vivendo a contemplação na mesma perspectiva de Francisco, isto é, com os olhos, Clara propõe que contemplemos Jesus Cristo como um espelho. Na terceira carta a Inês de Praga, apresenta um texto monumental sobre o que é a contemplação: pôr tudo que se é em Jesus Cristo e deixar-se transformar por ele. Vejamos o texto:

“Ponha a mente no espelho da eternidade. Coloque a alma no esplendor da glória. Ponha a mente na figura da substância divina e transforme-se, inteira, pela contemplação, na imagem da divindade” (3Ctn 12-23).

Espelho da divindade – no espelho, nós nos vemos projetados. Clara diz que, no espelho que é Jesus Cristo, podemos ver-nos projetados até no que somos lá dentro. Em Cristo, é possível ver nossa Interioridade. Evidentemente, é preciso conhecê-lo através dos Evangelhos e de tudo que o Povo de Deus já adquiriu e os santos já viveram para poder ver nele o que é que nós somos por dentro. O espelho é comum: mostra uma interioridade que é coletiva, porque todos somos igualmente humanos. Mas o espelho também é particular: mostra em que eu sou diferente.

Esplendor da Glória – é o Jesus Cristo que é Luz, como encontramos em São João. Só essa luz pode ir abrindo caminho na riqueza das “trevas” da interioridade, como fez com São Francisco desde a *Oração diante do Crucifixo* até o *Cântico do Irmão Sol*.

Figura da Substância divina – fazer figuras é trabalhar com o dedos, é pôr as mãos. O trabalho com a interioridade não é fuga da realidade: exige que se “ponha as mãos” para criar alguma coisa concreta. Em Jesus Cristo, Deus criou alguma coisa concreta que saiu do mundo do espírito.

Mas a proposta é completada na quarta carta, quando escreve:

“Olhe dentro desse espelho todos os dias, Ó rainha, esposa de Jesus Cristo, e espelhe nele, sem cessar, o seu rosto, para enfeitar-se toda, interior e exteriormente, vestida e cingida de variedade... pois nesse espelho resplandecem a bem-aventurada pobreza, a santa humildade e a inefável caridade, como, nele inteiro, você vai poder contemplar com graça de Deus” (4Ctn 15-8).

Clara continua a desenvolver o seu método:

“Preste atenção no princípio do espelho: a pobreza daquele que, envolto em panos, foi posto no presépio! Admirável humildade, estupenda pobreza! O rei dos anjos repousa numa manjedoura. No meio do espelho, considere a humildade,

ou pelo menos a bem-aventurada pobreza, as fadigas sem conta e as penas que suportou pela redenção do gênero humano. E, no fim desse mesmo espelho, contemple a caridade inefável com que quis padecer no lenho da cruz e nela morrer a morte mais vergonhosa” (4CtIn 19-23).

No cerne da proposta de Clara está a palavra transformar-se. Para ela, contemplar é contemplar Jesus – a manifestação do amor de Deus – e contemplar Jesus é deixar-se transformar totalmente por ele. É fazer-se um outro Cristo.

Nossa cultura contemporânea tem um bocado de dificuldade para entender essa palavra transformar-se. É mais fácil nós falarmos em evolução e em progresso. Creio que a diferença é esta: Transformar-se é interior, promover o progresso é exterior. Quem se transforma poderá promover um progresso de acordo com o espírito de Cristo. Quem só promove o progresso sem se transformar estará desumanizando ou, na melhor das hipóteses, fazendo buracos na água.

Mas Clara não se limita a dizer que é preciso contemplar Jesus. Ele mostra as etapas: Primeiro a gente tem que aprender a ficar pobre como o Jesus do presépio – quem possui, não pode nem começar o processo. Depois a gente tem que aprender a ser humilde como o Jesus que viveu em Nazaré e pregou na Terra Santa – quem não se reduz ao chão (*humus*) não encontra o Deus do Evangelho. E, finalmente, a gente tem que se expandir em um amor tão grande como o de Jesus na Cruz – Deus é Amor.

Para Clara, quem fizer todo esse processo ter-se-á deixado transformar por dentro e por fora, interior e exteriormente.

6. Como trabalhar a Interioridade

As propostas para um trabalho na interioridade podem ser muitas. Eu mesmo costumo trabalhar em diversos setores. Aqui, pretendo desenvolver apenas duas considerações básicas: uma sobre a necessidade da Pobreza para qualquer contato mais profundo com o mundo interior; outra sobre uma consideração de São Boaventura a respeito da santificação de São Francisco.

1. A pobreza é imprescindível

Vou fazer uma abordagem um pouco diferente da pobreza, partindo do que alguns estudiosos chamam de “história da consciência”.

Todos sabemos que um dos maiores apanágios dos humanos é gozar de uma consciência, até bastante ampla: isto é, nós sabemos quem somos e o que está acontecendo conosco. Mas também sabemos que a consciência tem uma história: cresce com as crianças e cresce com o desenvolvimento dos povos.

Já se apontaram até algumas fases da história da consciência: a mágica, a mítica e a mental.

A) Na mágica, como as crianças pequenas e como os povos primitivos, nós nos damos conta de tudo que acontece ao nosso redor, mas nem pensamos em explicar nada: nem indagamos as causas das coisas – tudo acontece como que por mágica.

B) Na mítica, as crianças e os povos que começam a crescer já se preocupam com a pergunta: “Quem faz tudo isso que vemos acontecer?” E os mais espertos já tentar identificar os autores e responsáveis como figuras míticas e tratando até de conseguir as suas boas graças. Fazer um mito é tentar explicar que forças sobre-humanas realizam maravilhas que os mortais comuns não podem fazer.

C) Na mental, pessoas e povos adultos já conhecem, mais ou menos cientificamente, as causas das coisas.

Ora, na medida em que essas fases vão se sucedendo, as pessoas vão mudando sua maneira de se relacionar com as coisas. Na fase mágica, como as plantas e os animais, as pessoas se sentem parte da natureza, totalmente dentro dela, na interioridade dela. Na fase mítica, já conseguem sentir-se um pouco fora do comum da criação, pelo menos na medida em que são capazes de dar explicações. Começam a ficar exteriores. Na fase mental, como já acham que dão explicação para tudo, as pessoas se sentem totalmente fora desse mundo que está aí. O mundo é exterior.

Como consequência, todos podemos constatar que a humanidade, em sua fase mental, estabeleceu três princípios fundamentais de ação: 1) Tudo que eu pegar é meu; 2) Quando mais coisas eu possuo, mais eu mando; 3) Quando mais eu mando, mais eu sou importante e os outros têm que me respeitar. Toda a nossa

sociedade se fundamenta nesses três princípios.

São Francisco e Santa Clara tiveram olhos para perceber que Jesus Cristo viveu sem dar nenhuma importância a esses nossos postulados. Que, além disso, ensinou no Sermão da Montanha que eles estavam errados e, sendo tentado no deserto justamente para aceitar os nossos princípios, recusou-os terminantemente. Jesus até resumiu toda a sua atitude quando ensinou: “Eu não vim para ser servido, eu vim para servir”. Se aceitamos o Evangelho, não podemos aceitar esses três princípios do eu tenho, eu mando, eu sou importante.

Quem quer aproveitar o mundo interior, também não pode aceitar esses princípios, tem que aceitar a proposta evangélica de ser servidor. Porque, mesmo que aceitemos só o primeiro princípio (Clara e Francisco rejeitaram-no propondo-se a viver “sem nada de próprio”) já perdemos a entrada no mundo interior, porque, quando possuímos, obstruímos toda a livre comunicação com o mundo sem medidas do mistério.

Como Francisco ficou Santo

Acredito que toda a *Legenda Maior* é uma proposta de trabalho na interioridade, porque São Boaventura fez a biografia de Francisco de Assis estudando o processo que ele viveu para ir se transformando em um santo.

Para ser concreto, vou citar e desenvolver um parágrafo especialmente significativo da *Legenda Maior*:

“A verdadeira piedade... encheu o coração de Francisco compenetrando-o tão intimamente, que parecia dominar totalmente a personalidade do homem de Deus. Nasceram daí a devoção que o elevava até Deus, a compaixão que fazia dele um outro Cristo, a amabilidade que o inclinava para o próximo, e uma amizade com cada uma das criaturas, que lembra nosso estado de inocência primitiva” (LM VIII, 1).

Essa passagem de São Boaventura coincide plenamente com a proposta de Carl G. Jung quando diz que é fundamental para todos nós trabalhar nos quatro arquétipos básicos: o Eu-mesmo, Deus, o Próximo e as Criaturas. Por isso, vou aproveitar os ensinamentos modernos de Jung para reler o texto medieval de Boaventura.

1. Autenticidade - o encontro consigo mesmo – Com este arquétipo trabalhamos no “Mistério do Eu”. Autenticidade é o que faz com que cada um de nós seja “ele mesmo” (em grego, *ó autós*). Quando nascemos, ainda não sabemos que somos alguém. Sentimo-nos parte de nossa mãe. Mas, graças ao arquétipo da autenticidade, devagar vamos descobrindo que há um sujeito de tudo que fazemos. Chegamos a descobrir o nosso eu consciente, o Ego. Ele é o centro de toda a nossa consciência.

Pouco a pouco, começamos a descobrir também que ignoramos muitas coisas sobre o que vai lá por dentro desse eu. Uma das leis de ouro dos antigos foi: “Conhece a ti mesmo”. Porque, de fato, o nosso tesouro está lá dentro de nós.

Além disso, este arquétipo é que propicia uma tensão entre o consciente e o inconsciente, pela qual vamos podendo estabelecer um relacionamento harmonioso entre o Ego e o Self.

Como o centro da nossa consciência é constituído pelo Eu, supõe-se que o inconsciente seja centralizado por um eu interior, muito mais amplo e abrangente, a que Jung deu o nome de Self (= eu mesmo). O Self é um dos arquétipos, o arquétipo em torno do qual se constelam todos os outros. Por isso, o trabalho com a interioridade, que estamos continuamente chamando de “processo de individuação”, pressupõe uma comunicação entre o Eu e o Self, da forma mais aberta que for possível.

É claro que se trata da comunicação que é uma tensão entre dois pólos opostos: o Eu da exterioridade e o Eu da interioridade, o do consciente e o do inconsciente. Ser autêntico é viver da melhor forma possível essa tensão em toda a sua dinâmica e em toda a sua positividade. É claro que não somos autênticos quando o nosso eu está identificado com as máscaras exteriores, quando está perdido e à mercê de todos os impulsos do inconsciente que o jogam para todos os lados, sem sentido.

O trabalho da autenticidade consiste em integrar progressiva e positivamente ao nosso Eu tudo que pudermos ir descobrindo no espaço do nosso inconsciente. Ou em ir harmonizando o nosso mundo exterior cada vez mais com o nosso mundo interior.

Para descobrir o próprio Eu e o Eu Mesmo é preciso não confundi-los nem com máscaras, nem com forças ou pessoas externas, nem com nenhum deus. A tentação de “ser como Deus” é um temível engano porque começa impedindo a autenticidade.

É bom notar que temos que ser autênticos para nós mesmos. Não é um problema de relacionamento com os outros. Na visão cristã, cada um de nós é único e vai durar para sempre. Por isso, o desenvolvimento da autenticidade é tremendamente importante.

São Francisco rezava: “Quem sou eu, Senhor?” com a resposta: “Sou um miserável vermezinho, um pecador”. Mas é claro que ele não descobriu em si mesmo apenas coisas negativas, pois louva a Deus por todo o bem que lhe fez.

Um dos primeiros requisitos da autenticidade é querermos conhecer e aceitar a verdade sobre nós mesmos, com tudo que tiver de bom e de mau. Ninguém vai ter coragem de aceitar o que é mau se não tiver tido boas experiências do que possui de bom em sua interioridade. Mas não podemos querer esconder nada de nós mesmos. Para nossa saúde total, é mais importante querer ser honesto do que querer ser bom. Porque, sem isso, nunca somos livres.

Outro requisito importante é que, na realidade, nunca posso dizer exatamente que “sou”: estou “me tornando”, porque a minha autenticidade é dinâmica e ainda não foi completada. Certamente não será completada em nosso período de vida terrena. O reconhecimento desta verdade é importante inclusive para entendermos que nossos erros podem ser aproveitados para irmos construindo os nossos acertos.

Também é fundamental reconhecer que, por mais insignificante que nos pareça nosso “papel”, ele é sempre insubstituível: não temos que imitar ou pedir emprestado o papel de outros e nunca vamos ser felizes atuando em um papel falso. A felicidade é alcançada justamente quando se consegue viver só e unicamente o nosso papel verdadeiro. Sobre São Francisco, lemos na *Legenda Maior*: “Aos próprios olhos, era apenas um pobre pecador. Na realidade, porém, era o espelho resplendente de toda santidade. Como um arquiteto prudente, que começa pelas fundações, ele se empenhou de corpo e alma a construir unicamente sobre a humildade, conforme aprendera de Cristo... Gostava de repetir esta máxima: “O homem é o que é diante de Deus, nem mais nem menos” (LM VI,I).

Um aspecto sério dessa verdade é convencer-nos de que é impossível destruir ou reprimir qualquer coisa que for real em nós mesmos. E que nós temos a tentação de fazê-lo quando ficamos olhando o papel dos outros o achando melhor que o nosso. No caso, temos que ir trabalhando pacientemente com nossos problemas até descobrir como podemos encaminhá-los de uma maneira verdadeiramente positiva para nós.

2. Significância - o encontro com Deus. – É aqui que podemos falar do mistério de Deus. Significância é o que faz com que descubramos, pouco a pouco, o que é que nós significamos para Deus. E, evidentemente, o que é que Deus significa para nós. Aqui, já começa a ficar claro que não somos sozinhos no mundo.

A palavra é mesmo “Significância” e não “significado”. Trata-se do valor de ter significado. É uma palavra que usamos pouco, apesar de conhecermos mais o seu antônimo: insignificância.

Na Significância, temos a oportunidade de manter uma tensão equilibrada entre Deus e o nosso ego, pela qual descobrimos o nosso verdadeiro destino e Significância no plano de Deus.

Para sermos plenos, temos que corresponder à imagem particular que Deus imprimiu em nosso coração. Temos que ser a expressão verdadeira do plano de Deus para nós. E isso é uma tarefa de toda a vida, em que é importante saber sempre onde estamos e quais são os próximos passos a ser dados.

É importante observar que estamos falando do relacionamento do Eu com o arquétipo de Deus, isto é, com Deus como o descobrimos em nossa interioridade. Deus é um ser em si mesmo, que não depende de mim nem de ninguém para existir. Mas eu o encontro na medida limitada de minha capacidade. “Tudo que é recebido, diziam os antigos, é recebido na medida do recipiente”, isto é, de quem recebe. Eu me relaciono com a pessoa de Deus na mesma medida em que acolho e desenvolvo toda essa minha capacidade de acolher e viver Deus, que é o arquétipo.

Dai a importância de trabalharmos a nossa interioridade, fazendo crescer a presença do Senhor dentro

de sua criatura, deixando que o nosso Eu seja cada vez mais adorador do Altíssimo.

Eu encontro Deus dentro de mim, mas Ele não está só aí, nem por isso é algo meu: um objeto de que eu posso dispor ou uma força que eu tenho. Pelo contrário: eu sou uma criatura dele. Isso não me diminui: é toda a minha grandeza, porque Ele me criou com amor ao mesmo tempo infinito (pois se deu inteiro) e particular, pois me ama como se u fosse o único.

Ser criatura é poder gerar energia com Deus na outra ponta. A graça e a natureza são os pólos dessa energia. É como se fôssemos instrumentos musicais: se estivermos afinados com Deus, tudo que ele tocar ressoará em nós. E tudo que nós tocarmos terá sua ressonância em Deus. É assim que vai sendo criada a grande harmonia do louvor universal. Um louvor que nos realiza. De certa maneira, podemos dizer que Deus, depois de nos ter criado, “precisa” de nossa nota.

Em São Francisco, encontramos a outra parte da oração: “Quem sois vós, Senhor? O Altíssimo, o Santíssimo, Todo Poderoso, Todo Bom”. Mas, uma vez, contou aos frades: “Roguei ao Senhor que se dignasse mostrar-me quando sou seu servo e quando não o sou, pois não desejaria ser outra coisa senão seu servidor. Então o Senhor se dignou responder-me: “És realmente meu servo quando ages e pensas santamente” (EP 74). Santamente quer dizer: completamente de acordo com o único Santo, que é Deus.

É a partir daqui que adquire sentido nossa preocupação com a Justiça, porque Deus é o parâmetro da nossa justiça, e não nós mesmos.

O encontro da Significância não serve apenas para dar um passo à frente. Ele também volta atrás, constituindo uma das maiores forças para nos tornarmos autênticos. Com ele, a nossa existência adquire a dimensão do infinito.

3. Transparência – encontro com o próximo. – Agora, podemos falar do mistério do Outro. Transparência é o arquétipo pelo qual conseguimos abrir-nos para os outros seres humanos. É o encontro do “alter-ego”, do irmão. Não sou só eu que existo, nem somos só Deus e eu.

Aqui, estamos em tensão com o outro. A primeira experiência de Transparência já começa diante de nossa própria mãe, cresce com o encontro do pai e vai se tornando real com o encontro dos irmãos e das outras pessoas que temos na mesma casa paterna. É onde se constrói o amor fraterno.

Essas primeiras experiências são as que vão gerar nossas máscaras, primeiro obstáculo para a Transparência. Mas são também os muitos encontros da vida que poderão ajudar a vencer as máscaras e a construir uma Transparência autêntica. Porque a Transparência vai ser a luz para confirmar e purificar tanto a Autenticidade quanto a Significância. O próximo não é eu e não é Deus.

Temos que nos convencer de que não fomos criados para nós mesmos mas para Deus, para os outros, para o mundo. Cada um de nós é a Transparência de um ponto especial, mesmo que muito pequeno no conjunto, da beleza, da bondade, da verdade de Deus. Nós precisamos ser essa Transparência, e os outros precisam dessa nossa Transparência. Somos seres em relação.

Faço aqui a mesma observação do parágrafo anterior: estamos tratando antes de tudo do relacionamento do nosso Eu com os arquétipos das outras pessoas como existem dentro de nós. Porque cada pessoa é também um mistério infinito, ou pelo menos indefinido, e nós a conhecemos na medida restrita que nos permitimos ter de cada um. Cada pessoa é sempre – mesmo que viva cinquenta anos ou mais ao nosso lado – uma surpreendente revelação do Outro. O Outro é sempre alguém que tem muita semelhança conosco mas, fundamentalmente, não é quem nós somos. O Outro se revela e ao mesmo tempo nos revela. Tanto nos revela a nós mesmos quanto consegue revelar-se. E nós também o revelamos a si mesmo quanto conseguimos revelar-nos. Daí a fundamentalidade do arquétipo da Transparência, que torna todos os outros transparentes a nós na medida em que nós mesmos somos transparentes, para nós e para os outros.

Essa é uma das mais importantes bases da contemplação, porque contemplar é sempre enxergar através.

Nossa Transparência nunca é perfeita e límpida. Mas, se nós a trabalharmos, ela vai sendo uma revelação progressiva, que só se faz com muito amor – da nossa parte e da parte de outras pessoas – e esse vai ser o melhor tratamento para chegarmos a nossa própria autenticidade. Todos precisamos de

peçoas que, a qualquer título, estejam o mais próximo possível de nós. Que tenham permissão para enxergar a verdade lá dentro, com o bem e com o mal. Todos precisamos de alguma forma de “confessor”.

Se nosso desejo de amar for legítimo, vamos lutar para manter abertas todas as portas do nosso auto-conhecimento. Porque são as mesmas portas do amor. Não podemos escolher sempre a hora e o lugar de ficar conhecendo a verdade sobre nós mesmos. Temos que confiar que Deus saberá fazê-lo através de nossos amigos.

Uma imagem interessante para nossa reflexão: o espelho. É um objeto que reflete e não transparece. Nele nós vemos a nós mesmos, até quando temos os outros bem concretos na nossa frente. Por isso, nossa vida tem que ultrapassar os espelhos. Quando deixamos de ser transparentes ficamos isolados, vamos crer que somos deuses e que os outros não passam de reflexos dos nossos pensamentos.

É a partir daqui que adquire sentido nossa preocupação com a Paz, porque, se não há outros que nos equilibrem, não há entendimento e vamos querer dispor das pessoas como se nos pertencessem. Quando não somos transparentes negamos nossa verdadeira imagem não só aos outros mas também a nós mesmos, porque é na Transparência de uns para com os outros que conhecemos a verdade.

Os outros sempre têm aspectos muito variados, em circunstâncias sempre surpreendentes, que revelam aspectos nossos que nós mesmos não conhecíamos.

4. Solidariedade - o encontro com as criaturas – É o arquétipo pelo qual experimentamos a nossa unicidade dentro do resto da raça humana e mesmo dentro de toda a criação. Trata-se, aqui, do equilíbrio com todos os outros seres. Creio que é onde podemos falar mais verdadeiramente do “Mistério da Fraternidade”. É onde descobrimos todas as criaturas.

Vou percebendo que não sou só eu, Deus e os outros perto de mim. Também a humanidade em geral, os animais e as “coisas” são importantes para o que nós mesmos devemos ser. Quanto mais temos oportunidade de nos compararmos com outros seres, mais nos aprofundamos na construção de nossa autenticidade. Até mesmo em nossa individuação.

Na solidariedade, descobrimos quanto somos relativos, porque nos damos conta de que a orquestra do louvor a Deus é sem fim e nós só temos uma nota no conjunto harmônico de toda a sinfonia da vida. São Francisco enriquece-nos, neste ponto, com o Canto do Irmão Sol, ou Cântico das Criaturas, onde todas elas são chamadas de irmãs. Celano captou bastante bem o porquê dessa atitude:

“Embora desejasse sair logo deste mundo como se fosse um exílio de peregrinação, este feliz viajante sabia aproveitar o que há no mundo, e bastante... Louvava o Criador em todas as suas obras e sabia atribuir os atos ao seu Autor. Exultava em todas as obras das mãos do Senhor e enxergava a razão e a causa vivificantes através dos espetáculos que lhe davam prazer. Nas coisas belas reconhecia aquele que é o mais belo, e que todas as coisas boas clamavam: “Quem nos fez é ótimo!” Seguiu sempre o Amado pelos vestígios que deixou nas coisas e fazia de tudo uma escada para chegar ao seu trono. Abraçava todas as coisas no afeto da sua devoção ímpar e falava com elas sobre o Senhor, convidando-as a louvá-la. Poupava os candeeiros, lâmpadas e velas, porque não queria apagar com sua mão o fulgor que era um sinal da luz eterna...” (2Cel 165).

Francisco foi aprendendo aos poucos o caminho da solidariedade, na medida em que experimentou contatos com os diversos “irmãos”:

“... Daí para frente, passou a exortar com solicitude todos os pássaros, animais, répteis e mesmo as criaturas insensíveis para louvarem e amarem o Criador, porque, todos os dias, invocando o nome do Salvador, conhecia a sua obediência por experiência própria” (1Cel 58).

Santa Clara, “quando mandava as irmãs auxiliares fora do mosteiro, exortava-as a que, quando vissem as árvores bonitas, floridas ou frondosas, louvassem a Deus; e fizessem o mesmo quando vissem os homens e as outras criaturas” (ProcC 14,9). Não à-toa, escreveu a Santa Inês de Praga: “Você e todas as criaturas estão contidas em Deus” (3Ctln 26).

Para nos darmos conta da importância deste arquétipo, basta recordar que, através da história, o ser humano já caiu nos extremos de fazer ídolos e fetiches de diversas criaturas e também de exterminar animais, florestas, minerais e até objetos com a mais estranha insensatez. Já se considerou rei indiscriminado das criaturas e se faz seu escravo com a maior facilidade. O homem já se mediu e se mede pela posse de terras, animais, metais... em que se “coisifica” e reduz seus horizontes.

É a partir daqui que adquire sentido nossa preocupação com a ecologia. O equilíbrio de todas as criaturas e de toda a natureza só pode ser apreciado e eficazmente desejado por quem sabe que papel tem no concerto de todas as obras do Senhor. E com um sentido histórico.

É impossível ser possuidor, proprietário indiscriminado ou idólatra e ser contemplativo, livre para ver o Senhor em todas as suas criaturas.

7. O processo interior

O psicólogo C.G. Jung propunha o aprofundamento interior como um processo, que ele chamava de “processo de individuação” ou, em outras palavras, o caminho através do qual uma pessoa vai descobrindo e realizando a verdadeira autenticidade, o indivíduo único que ela nasceu para ser.

Creio que, na perspectiva da espiritualidade franciscana, podemos muito bem falar em um PROCESSO DE CRISTIFICAÇÃO, isto é: como podemos conduzir nossa tarefa de nos realizarmos como pessoas transformando-nos progressivamente em outros cristos, como fez São Francisco.

A nossa tradição franciscana tem um modelo excelente dessa proposta no “Itinerário da Mente a Deus”, de São Boaventura. Outras espiritualidades falam muitas vezes em “método”. Eu insisto na palavra “processo” para sublinhar que não se trata de uma simples “proposta de caminho”, por mais bem delineada que seja, mas de um acompanhamento da transformação pessoal e do crescimento vital. Eu diria que, se o itinerário é mapa para a excursão, o processo é a própria viagem. E penso na viagem como em uma vida que se transforma e cresce, mas com um sentido de busca, e até mesmo com um sentido de resposta ao chamado de Deus, que começou um diálogo com cada um de nós quando nos criou.

Pro-ceder é ir sempre para a frente. No Processo de Individuação, a pessoa busca primeiro afirmar-se no mundo exterior e depois faz o trabalho de afirmação no mundo interior. Fazer o processo é descobrir o mistério do próprio Eu e realizá-lo.

Para ajudar nossa reflexão, eu lembraria que os medievais também falavam em um “processo alquímico”: a alquimia, primeira versão da atual química, misturou o material com o espiritual. Quase todo mundo sabe que os alquimistas queriam descobrir a “pedra filosofal” capaz de transformar alguns materiais em ouro, mas poucos têm conhecimento de que o que os empolgava de fato era descobrir como transformar o homem interior.

Na época, todo mundo conhecia uma história popular que dava bem o sentido do processo: era o “Mito do Santo Graal”, cujas influências percebemos no próprio São Francisco e mesmo em São Boaventura. A pessoa estava sempre em uma busca de algo sagrado: ou o cálice de Jesus ou o gostinho de um certo peixe saboreado na infância. Na realidade, estava procurando descobrir o sentido profundo da própria vida.

Creio que é fundamental, em nossos dias, termos essa visão de um projeto de vida, que deve começar desde que o candidato se apresenta para entrar na Ordem e ser diligentemente conduzido até o dia de nos apresentarmos diante de Deus.

Lembro até que, na Igreja Oriental, o que nós nos acostumamos a chamar de “Direção Espiritual” ou “Orientação espiritual” recebeu o nome de Mistagogia: como nos conduzir através do caminho místico.

O *processo de cristificação* tem que ser um processo de libertação. Para isso, tem que ser um processo de empobrecimento, porque só o pobre é verdadeiramente livre. Mas essa pobreza só cresce na medida em que é aumentada a dependência total de Deus, ou, em outras palavras, na medida em que alguém consegue se desapropriar. Quando “tentamos” ser proprietários, violentamos a natureza das coisas e desumanizamos as pessoas.

Ao mesmo tempo, é um processo de humanização. Francisco e Clara foram verdadeiros “humanistas”. Não de um humanismo que fica no teórico ou no cuidado de si mesmo, mas de um humanismo que transforma o mundo para que o homem seja o que Deus sonhou para ele.

Por isso, nesta parte conclusiva, quero fazer uma proposta de *Processo de Cristificação*, em que pretendo apontar o objetivo, as metas, a política de ação e os meios.

1. Objetivo - Todos nós, desde os primeiros passos da entrada na Ordem, deveríamos ter uma visão

muito clara de que nosso objetivo é realizar a pessoa que nós somos na comunhão com Deus. Para isso, temos que descobrir progressivamente o Cristo que vive em nossa interioridade para que ele possa ir saindo e transformando nossa vida. É essa visão que dá o sentido do humanismo franciscano, bem expresso já nos escritos de São Francisco e de Santa Clara.

Para reforçar, recorro que todas as biografias medievais de São Francisco tentam mostrar como ele foi um outro Cristo, como realizou a imagem pessoal de Jesus Cristo. É um estímulo que nenhum franciscano devia perder.

2. Metas - As metas são resultados que podemos determinar de antemão, qualitativa e quantitativamente. Creio que, à luz de nossa tradição franciscana, cada um vai ter que deixar bem claro para si mesmo quanto e como pretende ser: a) um pobre como Jesus Cristo, um menor a serviço de todos; b) um irmão entre os seus irmãos, mas também irmão de todas as pessoas e de todas as criaturas; c) um apóstolo que se entende sempre a caminho, sem bolsa nem cajado, para anunciar a boa nova do Evangelho. Isso, para dizer o mínimo. As metas têm que ser concretizadas por cada um, e cada dia melhor.

3. Política de Ação - Ainda que metas sejam sempre um alvo perseguido, que se vai alcançando aos poucos, nossa maneira de agir tem que ser, desde o começo, a de um franciscano, isto é: temos que agir sempre como irmãos, sempre como itinerantes, sempre como pobres no sentido mais forte do Evangelho.

4. Meios - Temos que lançar mão dos que a Ordem coloca à nossa disposição: a vivência da fraternidade; a oração, principalmente contemplativa; o estudo, principalmente o da Palavra de Deus e o do nosso próprio conhecimento; todas as iniciativas da fraternidade, seja uma obra apostólica, seja um dia de retiro.

Concluindo - Talvez seja aqui o momento de perceber que a proposta de São Francisco na Primeira Carta aos Fiéis é justamente a de um processo de crescimento em que só caminham os que “fazem penitência”, porque estão enxergando com os olhos do espírito e sabem o que acontece na interioridade. Os que não fazem penitência, como não sentem falta de Jesus Cristo, continuam a buscar só as riquezas exteriores, passageiras e frágeis, que têm que deixar quando morrem. Buscam outras coisas porque não usam os olhos do Espírito e não enxergam a presença de Deus em todas as suas bondades.

Ora, dessas coisas nós só entendemos depois de considerar muito a imagem interior (o espelho) de Jesus Cristo e de ter aprendido, com ele, a ver toda a realidade “com os olhos do espírito”.

Este texto foi apresentado aos Provinciais OFM do Brasil em uma reunião em Petrópolis no ano de 1966.

Seu código localizador no Centro Franciscano de Piracicaba é 1.01.03.06

Pode ser achado no computador de Frei José Carlos Pedroso com o nome de **InterioridadeFran**, em JC.Artigos, de JC. Escritos, de Arquivo JC.